



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10195 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT16 - Educação e Comunicação

NARRATIVAS PARTILHADAS ENTRE FOTOGRAFIAS, MEMÓRIAS E CONHECIMENTOS

Adriana Maria de Assumpção - UNESA - Universidade Estácio de Sá

NARRATIVAS PARTILHADAS ENTRE FOTOGRAFIAS, MEMÓRIAS E CONHECIMENTOS

Resumo

O resumo apresenta um estudo desenvolvido sobre leitura de imagens e formação de professores, particularmente entre estudantes de pedagogia, tendo como meio as fotografias projetadas em rodas de conversa, organizadas para que os participantes pudessem compartilhar seus modos de ler e os sentidos envolvidos nessas leituras. A pesquisa problematiza a leitura de imagens e sua importância nos espaços de formação docente.

Nossa opção por textos imagéticos, decorre da possibilidade de leituras polissêmicas que são realizadas com esse tipo de texto e a discussão de variados assuntos em uma abordagem que pode envolver diversos temas da atualidade. Argumentamos em favor de um novo olhar para a questão das imagens que circulam nos espaços de formação de professores.

O estudo aponta a necessidade de dialogar com as narrativas dos estudantes buscando uma escuta atenta, percebendo nas enunciações outros saberes. Por meio das imagens podemos promover a leitura crítica dos textos que se inserem no campo da cultura visual.

Palavras-Chave: educação; formação de professores; leitura de imagens; fotografias.

Introdução

O estudo trata da leitura de imagens, particularmente fotografias, inseridas em um contexto de formação de professores, por meio do qual buscamos compreender os modos de leitura e os sentidos inerentes às práticas leitoras. Entendemos que a formação de educadores deve estar embasada em estratégias metodológicas que estimulem práticas de construção de conhecimento crítico, maior participação nas reflexões dentro e fora do espaço escolar. Nesse sentido, consideramos o potencial das imagens e da cultura visual em que estamos imersos. Com esta pesquisa buscou-se problematizar a leitura de imagens, bem como sua importância nos espaços de formação. Nosso lócus da pesquisa foi a Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Para a construção dos dados, foram organizadas

rodas de conversa com os estudantes de Pedagogia. Todas as fotografias utilizadas foram cedidas por um fotógrafo profissional.

Contexto teórico

As imagens são capturadas por nossa visão e, por meio da sua tradução em palavras, buscamos entendê-las e contemplar nossa própria existência. Apesar de lermos imagens o tempo todo não paramos para pensar sobre isso, refletindo sobre sua permanência no mundo. Segundo Manguel (2001, p.21) as imagens que formam nosso mundo são símbolos, sinais, mensagens e alegorias. Ou talvez sejam apenas presenças vazias que completamos com nosso desejo, experiências, questionamentos e remorso. Qualquer que seja o caso, as imagens, assim como as palavras, são a matéria de que somos feitos. Lemos imagens o tempo todo, organizando-as como uma narrativa mental que, muitas vezes guardamos na memória e não compartilhamos com mais ninguém.

Somos nós, que culturalmente e historicamente, vamos “dando corpo” aos discursos imagéticos e inserindo neles nossos valores morais e éticos, proibindo ou censurando determinadas imagens. Os significados e os sentidos construídos fazem parte da nossa cultura e a leitura decorre disso.

Consideramos que a interação com imagens está relacionada a uma prática milenar de contar histórias e refazer caminhos e relações com narrativas imagéticas. Continuamos a recontar histórias vividas em meio às imagens que encontramos, traçando paralelos entre elas e nossas memórias. Podemos dizer que ler imagens é uma emoção por meio da qual, estimulamos sentimentos que nos levam a compreender o que esse tipo de texto nos desperta. Assim continuamos a ler uma imagem após a outra cada vez com mais detalhamento na observação que se torna também um ato de curiosidade e criticidade. Na relação entre a fotografia e o expectador, reconhecemos dois movimentos que podem ser explicados com dois sentidos: a imagem em direção ao expectador – *studium* – e um movimento do observador em direção à imagem – *punctum* – como corrobora Souza (2011, p.112). Segundo a autora, o exercício da leitura de imagens fotográficas na escola certamente contribui para uma educação do olhar dos alunos. Nesse sentido, nos aproximamos dessa autora em virtude da sua compreensão sobre a importância de processos que priorizem leitura de imagens e ampliação dos sentidos produzidos por estas imagens.

Reflexões de autores como Roland Barthes, Alberto Manguel e Mikhail Bakhtin nortearam nossas considerações na análise das narrativas a respeito das imagens e com eles enredamos vários fios que compõem o estudo.

Nossa perspectiva acerca do trabalho com as fotografias no espaço da licenciatura, é de ruptura epistemológica, ampliando olhares e saberes para construir novas experiências com a cultura visual. As imagens já circulam nos espaços escolares e na vida pessoal dos estudantes, por isso desejamos nos apropriar de experiências que possam ressignificar as práticas de formação.

O Caminho Metodológico

Na construção da metodologia, nos pautamos na pesquisa qualitativa, buscando um caminho para a organização dos dados empíricos, que se constituíram em meio às rodas de conversa com os estudantes. Essa proposta metodológica tinha como objetivo compreender como as narrativas construídas poderiam se constituir enquanto dados da pesquisa. Ao mesmo tempo, nos interessávamos pela construção dos diálogos e a compreensão de todos os momentos

envolvidos na roda de conversa. Os participantes aparecem com nomes de fotógrafos brasileiros e estrangeiros, como uma forma de homenagem a ambos. Todos os momentos das rodas de conversa foram filmados e fotografados e, além disso, foram feitos registros de áudio. Em todos os encontros as pesquisadoras se dividiam entre registros e mediação.

Durante a primeira parte do encontro, dez fotografias eram projetadas e, os estudantes estimulados a falar livremente sobre as imagens; após a projeção eram convidados a falar sobre uma imagem escolhida por eles. Cada roda de conversa reuniu seis a dez participantes, todos estudantes da graduação da própria universidade. A projeção de imagens possibilitava que viessem à tona elementos mais subjetivos que estão relacionados a outros conceitos relacionados com cultura, memórias, vidas pessoais, afetividades e outros sentimentos que afloravam durante as conversas. No total foram realizadas seis rodas de conversa com total de setenta e dois participantes e, dentre eles, cinquenta e seis mulheres e dezesseis homens. Desse total, havia estudantes matriculados entre o segundo e o nono período. Entre os participantes, registramos uma faixa etária variada, entre dezenove e cinquenta e dois anos, sendo que, a maior parte, se concentrava na faixa entre vinte e vinte e sete anos.

A análise

Para este resumo fizemos um recorte e escolhemos uma imagem e algumas narrativas de estudantes. A primeira narrativa é de um estudante que chamamos Humberto Capai. Para ele, poder participar de um momento para refletir sobre imagens é muito positivo, ainda que breve, pois a estrutura que se apresenta na grade curricular do curso de pedagogia, no seu entendimento, cria poucas possibilidades para os estudantes entrarem em contato com práticas relacionadas com imagens. Nas narrativas dos participantes encontramos outros relatos que destacam a falta de oportunidades para problematizar imagens no decorrer do curso.

Incentivado a relatar sua experiência o estudante afirmou que também considerou um momento muito importante, em virtude da possibilidade de ampliação de conceitos e do entendimento sobre o trabalho com imagens na sala de aula:

Aprendi a olhar os registros dos momentos de nossa vida com outro olhar, um olhar mais crítico e detalhista; eu acho que vou observar mais, melhor, com mais detalhes outras fotografias e vou me preocupar em dar mais tempo aos meus alunos só para olharem, sem ter que escrever um texto para a imagem (Humberto Capai).

Consideramos que esta narrativa nos aproxima daquilo que chamamos do “tempo de olhar”, pois segundo alguns estudantes, quase sempre, as práticas desenvolvidas no curso priorizam a produção de textos e não criam oportunidades para uma reflexão a respeito da produção e circulação de imagens. Outro ponto destacado por esses estudantes é que os professores utilizam pouco o recurso de projeções com imagens interessantes, mas comumente abusam de slides com grande quantidade de textos. As imagens, segundo eles, aparecem para ilustrar algo, mas não há muito tempo destinado a observá-las. Compreendemos que este tempo para observar é necessário e faz-se imprescindível na compreensão a respeito da polissemia das imagens e sua potencialidade no trabalho educativo.

Foto: Peter Illiciev



Essa foto me lembra uma fase boa, gostosa, que tudo era possível aí... quando você mostrou primeira foto que realmente me fixou, que eu me fixei, foi essa! Deu uma emoção ...uma emoção gostosa de olhar essa fotografia (Marizilda Cruppe).

A primeira narrativa – de Marizilda Crupe – nos aproxima de Barthes, quando ele trata a experiência de olhar uma imagem e vivenciar sentimentos expressos por meio dos conceitos de punctum e studium. A estudante diz “o que me fixa” nos lembrando do punctum Barthesiano que punge, fere, perfura, por meio das emoções trazidas no momento de observar uma imagem. Ela reafirma esse sentimento quando continua a falar da sua emoção **“eu me fixei, foi essa! Deu uma emoção ...uma emoção gostosa de olhar essa fotografia”**. [1] Para Barthes (2001, p.36) esse sentimento só pode ser percebido quando a foto realmente punge o observador mobilizando-o. A narrativa aqui colocada traz em si esse sentimento que se relaciona diretamente com a emoção, com sentidos particulares que somente aquela observadora poderá descrever, ainda que isto se dê de forma muito sutil, subjetivamente. Outra forma de ilustrar o que nos diz o autor é relacionando essa narrativa com os sentidos da imagem, por meio do que ele trata de conotação e denotação. A expressão “emoção gostosa de olhar essa fotografia” nos remete a um sentido conotado da imagem, onde podemos dizer que a sua percepção a aproxima desse tipo de leitura. Mas seguindo a trilha de Barthes (2009, p.23) como lemos uma fotografia? O que captamos? Em que ordem, segundo que itinerário? O que é captar? Continuamos nossas reflexões com as teorias do autor, e reconhecemos que “a fotografia é verbalizada no próprio momento em que é captada”. Nesse instante das observações e, em seguida, da verbalização por meio das narrativas, os estudantes já estão expondo o que captam por meio dos seus sentimentos.

Essa foto me lembrou muito infância, minha infância...e apesar do cenário tão humilde as crianças estão se divertindo...a gente não vê mais isso não...nem criança brincando nem se divertindo. Essa foto lembra a infância da gente, a minha infância... das crianças no balanço é muito legal. Hoje em dia não se vê mais essa cena nem em cidade pequena, porque o município faz um parquinho prá criança brincar e normalmente os adultos vão lá e destroem; mas isso era normal ter na casa da gente. Tinha lá uma árvore, um pé de manga ou um abacateiro; meu pai sempre dizia: - não vou amarrar no abacateiro porque vocês vão cair e se machucar, porque ele quebra. E amarrava na mangueira. E era isso: era uma corda com uma tábua e ali a gente sentava e brincava...e era muito legal! Muito legal, achei essa foto muito legal, remete à minha infância. A gente era muito feliz, mesmo com todas as dificuldades, a vida humilde...essa foto toca a gente... (Wania Corredo)

As narrativas apresentadas trazem relatos, por meio dos quais as estudantes ressaltam a relação estabelecida por elas com sua própria história, e, nesse sentido, destacamos as observações que elas fazem resgatando aspectos muito íntimos como a fala de Wania Corredo – relatando que o pai construía balanços como aquele da foto - mas também as narrativas de

Nair Benedicto “essa foto é muito emocionante mesmo! Faz a gente pensar na vida que tinha e não tem mais...por que isso acabou né? Tudo isso já foi...já é passado e não volta mais...” os sentidos são ligados à conotação, mas também podemos dizer que o detalhe do balanço atrai o olhar dela, da mesma maneira que Barthes trata o “detalhe” que atrai os seus olhos, que muda sua leitura; esse “detalhe” é o punctum (2011, p.51).

Considerações

Com o estudo foi possível compreender os modos de ler imagens entre estudantes de pedagogia e como a fotografia pode ser utilizada como instrumento da pesquisa, permeando ações que estimulam as construções narrativas dos participantes. Nos apropriarmos de reflexões a respeito da fotografia, buscando compreender o olhar dos estudantes e como as fotografias mobilizam, emocionam, tornam latentes sentimentos, memórias e conhecimentos. Ler uma imagem se relaciona com o momento em que vivemos, bem como nossas experiências. O olhar do leitor se relaciona diretamente com a trama conduzida por ele em sua história de vida, e isto influencia as interpretações e particulariza o momento em que este se depara com a imagem, impulsionando-o a relacionar-se de maneira a projetar também demandas internas. A prática das autoras na docência e a experiência construída por meio das rodas de conversa, demonstraram que a pesquisa propiciou aos estudantes momentos únicos de desvelar seu olhar e criar narrativas potentes para sua formação como educadores. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida (BAKHTIN, 2004, p.95). As palavras que circularam nas rodas de conversa, foram carregadas de sentidos culturais e ideológicos e, por meio das interações, os participantes reafirmaram esses sentidos. A escuta atenta das narrativas dos estudantes nos oportunizou perceber como cada um relaciona valores, conceitos e ideologias com os processos envolvidos na leitura da imagem.

A pesquisa possibilitou problematizar a construção de conhecimentos, por meio de reflexões sobre a formação de professores e a relevância de práticas educativas que privilegiem as imagens, criando experiências enriquecedoras para os estudantes. A investigação que se constituiu por meio do espaço desta pesquisa foi tecida com muitos fios e buscava garantir diálogos e reflexões que pudessem servir como estímulo para a emancipação dos sujeitos.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

BARTHES, Roland. **O Óbvio e o Obtuso**. Lisboa, Portugal: Edições 70 Ltda. 2009.

MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SOUZA, Lúcia Helena Pralon de.; **As Imagens da Saúde em Livros Didáticos de Ciências**. Rio de Janeiro: UFRJ/NUTES, 2011. Tese (doutorado).

[1] Destaque das autoras